

Este trabalho analisa as narrativas de pessoas transgêneras sobre suas experiências no mundo do trabalho, com foco nas expectativas profissionais, vivências anteriores, estratégias de enfrentamento e representações sobre o mercado formal. A pesquisa revela como as trajetórias laborais são atravessadas por estigmas, exclusões e resistências, evidenciando a complexidade da relação entre identidade de gênero e inserção profissional.

As expectativas de carreira, muitas vezes formadas na infância e adolescência, são moldadas por estereótipos de gênero e pressões familiares. Os relatos ilustram como a ausência de apoio familiar pode redirecionar ou inviabilizar sonhos profissionais. Fora do ambiente de trabalho, as(os) participantes enfrentam sobrecarga e pressão, recorrendo ao autocuidado e às redes de apoio como formas de resistência e preservação do bem-estar.

As experiências anteriores de trabalho são marcadas pela informalidade, precariedade e discriminação. A falta de direitos trabalhistas e a instabilidade revelam uma vulnerabilidade social que afeta diretamente a saúde física e mental das(os) trabalhadoras(es) trans. Mesmo diante de qualificações, a identidade de gênero é frequentemente um obstáculo à inserção profissional, gerando descrédibilização e sofrimento psíquico.

A preparação para o mercado formal é permeada por inseguranças e pela valorização de concursos públicos como alternativa de estabilidade. A representação do trabalho formal é ambivalente: embora associado à dignidade e pertencimento, também carrega frustrações e receios. O trabalho é visto como espaço de construção identitária, onde a formalização representa reconhecimento social.